



Web Revista SOCIODIALETO

Ricardo Soares da Silva (PPGLL/UFAL)¹
Emanuelle Camila Moraes Albuquerque Lima (UFAPE)²
Adeilson Pinheiro Sedrins (UFAPE-PPGLL/UFAL)³

A CONCORDÂNCIA VERBAL EM TEXTOS ESCRITOS POR ESTUDANTES DE GARANHUNS-PE: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA

RESUMO

O presente artigo apresenta um estudo sobre a variação de concordância verbal em textos escritos da língua portuguesa em seu uso real de alunos da cidade de Garanhuns-PE no agreste pernambucano. Partindo do pressuposto de que a concordância verbal do português do Brasil é uma regra variável observou-se o comportamento desses informantes em sua variação, em relação a alternância das marcas de plural, e assim, constatou-se o estatuto de uma regra variável de concordância na variedade em estudo, nos limites de uma semi-categórica, consoante Labov (2003). Existe uma variante de prestígio e uma variante desprestigiada em competição entre si, procuramos não só verificar essa variação como também identificar os fatores linguísticos e sociais que estão influenciando e condicionando essa variação na escrita formal. Dentre os fatores linguísticos selecionamos e obtivemos a não marcação da concordância verbal entre os tipos de verbos de ação 53,55% e os verbos de estado 43,75% e posição do verbo em relação ao sujeito 53,12%. Os fatores extralinguísticos analisados foram: o sexo e o nível de escolaridade dos alunos. Nosso estudo está embasado na perspectiva teórico metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), que considera a língua em seu contexto social, fizemos uso também de pesquisas realizadas anteriormente sobre o fenômeno estudado, mas embora alguns estudos, como os de Rodrigues (1997) e Vieira (1994), apontem que a escolarização no nível mais alto é um dos fatores responsáveis por aumentar as chances da variante padrão ser processada, em nossa investigação, isso não foi comprovado. Apesar de reconhecermos que o ensino formal tem surtido efeito no que tange ao ensino de língua portuguesa, na variação em foco, o nível de escolaridade não se mostrou definidor ou influenciador para a utilização da variante padrão. A quantificação dos dados foi feita por meio de tabulação e nos permitiu chegar aos seguintes resultados: há ausência da concordância verbal na linguagem escrita dos informantes em geral de (14,15%) empregados principalmente entre os alunos de escolaridade maior 3º ano do ensino médio, sendo assim, também analisadas turmas de 6º e 9º do ensino fundamental, assim como sexo masculino é o que mais apresenta a forma não padrão. Verificamos os dois fatores linguísticos que também atuam como condicionadores de uma variante. Portanto, foi visto que a escola influencia os discentes a empregarem a língua em sua norma padrão, amenizando o uso de variações tidas como não padrão.

PALAVRAS-CHAVE: Concordância verbal; Sociolinguística Variacionista; Escrita; Variação.

VERB AGREEMENT IN TEXTS WRITTEN BY STUDENTS FROM GARANHUNS-PE: A SOCIOLINGUISTIC ANALYSIS

ABSTRACT

The present article presents a study on the variation of verbal agreement in written texts of the Portuguese language in its actual use by students from the city of Garanhuns-PE in the rural region of Pernambuco. Starting from the assumption that verbal agreement in Brazilian Portuguese is a variable rule, the

¹ Aluno de Mestrado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura – PPGLL/UFAL – Maceió – AL, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1955-0929>. E-mail: rikardo-soares@hotmail.com

² Professora Doutoranda do curso de Licenciatura em Letras: Português e Inglês – UFAPE – Garanhuns – PE, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-2166-4538>. E-mail: emanuelle-camila.lima@ufape.edu.br

³ Professor Doutor do Curso de Licenciatura em Letras: Português e Inglês – UFAPE. Professor no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura – PPGLL/UFAL. Garanhuns – PE, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-4778-5549>. E-mail: sedrins@gmail.com



behavior of these informants in its variation was observed, in relation to the alternation of plural marks, and thus, the status of a variable agreement rule was verified in the variety under study, within the limits of a semi-categorical, following Labov (2003). There is a variant of prestige and a variant without prestige in competition with each other, we try not only to verify this variation but also to identify the linguistic and social factors that are influencing and conditioning this variation in formal writing. Among the linguistic factors, we selected and obtained the non-marking of verbal agreement between the types of action verbs 53.55% and state verbs 43.75% and position of the verb in relation to the subject 53.12%. The extralinguistic factors analyzed were: the gender and the level of education of the students. Our study is based on the theoretical and methodological perspective of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]), which considers language in its social context, also caused the use of research carried out previously on the studied phenomenon, but although some studies, such as those by Rodrigues (1997) and Vieira (1994), point out that schooling at the highest level is one of the factors responsible for increasing the chances of the standard variant being processed, in our investigation, this was not stimulated. Although we recognize that formal education has had an effect in terms of Portuguese language teaching, in the variation in focus, the level of education did not prove to be a defining factor or influencer for the use of the standard variant. The quantification of the data was done through tabulation and allowed us to arrive at the following results: there is no verbal agreement in the written language of the informants in general (14.15%) employed mainly among students with higher education in the 3rd year of high school, therefore, 6th and 9th grade classes of elementary school were also analyzed, as well as the male gender is the one that most presents the non-standard form. We verified the two linguistic factors that also act as conditioners of a variant. Therefore, it was seen that the school influences students to use the language in its standard norm, softening the use of variations considered non-standard.

KEYWORDS: Verbal agreement; Variationist Sociolinguistics; Writing; Variation.

LA CONCORDANCIA VERBAL EN TEXTOS ESCRITOS POR ESTUDIANTES DE GARANHUNS-PE: UN ANÁLISIS SOCIOLINGÜÍSTICO

RESUMEN

Este artículo presenta un estudio sobre la variación de la concordancia verbal en textos escritos de la lengua portuguesa en su uso real por estudiantes de la ciudad de Garanhuns-PE, en la región agreste de Pernambuco. Partiendo del supuesto de que la concordancia verbal en el portugués de Brasil es una regla variable, observamos el comportamiento de estos informantes en su variación, en relación con la alternancia de las marcas de plural, y verificamos así el estatus de una regla variable de concordancia en la variedad estudiada, dentro de los límites de una semicategorial, según Labov (2003). Hay una variante prestigiosa y una variante desacreditada que compiten entre sí, y buscamos no sólo verificar esta variación, sino también identificar los factores lingüísticos y sociales que influyen y condicionan esta variación en la escritura formal. Entre los factores lingüísticos, seleccionamos y obtuvimos la no marcación de la concordancia verbal entre tipos de verbos de acción 53,55% y verbos de estado 43,75% y la posición del verbo en relación con el sujeto 53,12%. Los factores extralingüísticos analizados fueron el sexo y el nivel de estudios de los estudiantes. Nuestro estudio se basa en la perspectiva teórico-metodológica de la Sociolingüística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), que considera la lengua en su contexto social. También nos servimos de investigaciones realizadas anteriormente sobre el fenómeno estudiado, pero aunque algunos estudios, como los de Rodrigues (1997) y Vieira (1994), señalan que la escolarización en el nivel más alto es uno de los factores responsables de aumentar las posibilidades de que se procese la variante estándar, en nuestra investigación, esto no se comprobó. Aunque reconocemos que la educación formal ha tenido un efecto en la enseñanza de la lengua portuguesa, en la variante en cuestión, no se demostró que el nivel de escolaridad definiera o influyera en el uso de la variante estándar. La cuantificación de los datos se hizo por tabulación y nos permitió llegar a los siguientes resultados: hay ausencia de concordancia verbal en la lengua escrita de los informantes en general (14,15%) empleada principalmente entre los alumnos con mayor nivel de escolaridad de 3º de enseñanza media, y también se analizaron las clases de 6º y 9º de enseñanza primaria, así como que el género masculino es el que más presenta la forma no estándar. Verificamos los dos factores lingüísticos que también actúan como condicionantes de una variante. Por lo tanto, se vio que la escuela influye en los alumnos para que usen la lengua en su norma estándar, suavizando el uso de variantes consideradas no estándar.

PALABRAS CLAVE: Concordancia verbal; Sociolingüística variacionista; Escritura; Variación.



1. Introdução

Dá-se a investigação sobre os padrões de concordância verbal, considerando os dados escritos contemporâneos do português brasileiro que teve como motivação, em primeiro plano, a importância de descrever a variação presente nos textos escritos dos estudantes de Garanhuns – PE, pois, é meramente constituído da diversidade dos diversos grupos sociais e que interagem de forma heterogênea.

É essa heterogeneidade na língua que interessa aos pesquisadores da Sociolinguística, corrente que teve como principal precursor William Labov (1972) que tratou mais notadamente da Teoria da Variação e Mudança Linguística.

Quando se refere a concordância verbal, sabe-se que são várias as pesquisas realizadas a partir do olhar sociolinguístico nos últimos anos. Em meio as essas investigações da fala e também da escrita, é constatado que a concordância verbal apresenta variação, tais como a marca e/ou ausência da concordância verbal.

Especificamente, em nossa pesquisa trataremos do Português do Brasil, com base no modelo teórico-metodológico da sociolinguística com a variação existente em foco na marcação ou não da concordância verbal com desinência de número plural em textos escritos por estudantes do 6º, 9º do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio de escolas públicas Garanhuns-PE. Nossa investigação buscará analisar sentenças como as seguintes:

- a) Casos como esses devem ser tratados.
Casos como esses deveø ser tratados.
- b) Os políticos afirmam que pessoas com anorexia estão mais propensas a cometer suicídio.
Os políticos afirmaø que pessoas com anorexia estão mais propensas a cometer suicídio.

A marcação e/ou a ausência de concordância verbal nas sentenças apresentadas acima nos mostram que os informantes podem fazer uso alternado entre as formas com e sem o emprego da concordância sem que a compreensão seja comprometida. Quando tal combinação não é feita, com a não utilização dos morfemas de número e pessoa, ocorre o que chamamos de ausência de concordância, que pode surgir tanto na oralidade, quanto no texto escrito, objeto de nossa investigação.



As gramáticas Tradicionais (doravante GT) referem-se unicamente à flexão do verbo como forma de se ajustar ao sujeito, apresentando a concordância como relação sintática do verbo com o sujeito da oração, e admitem, sobre a forma de exceção, algumas possibilidades de o verbo concordar ou não com o sujeito.

Observando a concordância verbal, mais especificamente, na *Moderna gramática portuguesa*, de Evanildo Bechara (2004), percebemos que, através de conceitos abrangentes e de formulações de regras contestáveis, frutos da tentativa de alcançar o mais próximo possível a forma padrão, a GT aborda a ausência de marcas de concordância verbal como uma falha, que deve ser evitada, e a presença dessas marcas como a forma correta, que deve ser seguida. Ainda, Bechara (2004, p. 543) define concordância verbal como aquela “que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o predicativo) e o verbo da oração”.

Na GT, Bechara (1999, p. 20) destaca que seu estudo gramatical — alia a preocupação de uma científica descrição sincrônica a uma visão sadia da gramática tradicional. Admite ainda estar contribuindo com — úteis sugestões ou temas de reflexão para uma proposta de melhoria da vigente nomenclatura gramatical (BECHARA, 1999, p. 20) presente nos manuais escolares.

Nesse sentido, este fenômeno tem sido também objeto de estudo de pesquisas realizadas anteriormente como as de Naro & Scherre (1997) na qual observaram que a variação na concordância no português falado no Brasil já faz parte da competência linguística dos falantes (está em suas mentes), é uma característica de sua fala, e é sistemática, sendo, desse modo, previsíveis as situações (sociais e linguísticas) em que os falantes tendem a aplicar ou não as regras de concordância prescritas pela gramática tradicional. Para eles, esse fenômeno acontece de acordo com o uso real da língua falada em comunidade.

Segundo Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 331), a concordância verbal no português brasileiro é um dos aspectos variáveis que tem sido muito discutido através de estudos dos pesquisadores da teoria da variação. Temos visto que diversas pesquisas vêm demonstrando uma forte tendência à não realização das marcas de plural (*-mos*) no sintagma verbal, mas esse fenômeno ainda não é descrito pelos compêndios gramaticais. Sendo assim, a concordância verbal de número e pessoa é um dos aspectos da gramática do português brasileiro, que apresenta variações.



Essa postura categórica pode ser observada, também, em Cunha & Cintra (2001, p. 496) quando apresentam a seguinte definição para a concordância: “a solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na concordância, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito”.

Bechara (2004) aponta que para que a concordância verbal seja feita, deverá haver uma relação de número e pessoa entre o sujeito (e às vezes, o predicativo) e o verbo da oração”, podemos ver na seguinte sentença.

(1) “Porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno”

(BECHARA, 2004, p. 554).

O autor deixa claro que o verbo *está* concorda com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada *o céu e o inferno*. E divide o estudo da concordância em partes: A concordância de palavra para palavra, que pode ser total ou parcial, “conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo dos vocábulos determinados numa série de concordância”, oferecendo os seguintes exemplos:

(2) a “Povo sem lealdade não alcança estabilidade”.

b. “Repeti-as, porque se me ofereciam vida e honras a troco de perpétua infâmia”.

(BECHARA, 2004, p. 554)

O autor enfatiza que a concordância palavra por palavra tem relevância apenas quando concorda com número. A concordância de palavra para sentido, feita quando o sujeito simples é um nome ou um pronome que tem uma ideia de coleção ou grupo, conforme apresenta o exemplo (3):

(3) “A gente vamos”.

(BECHARA, 2004, p. 555)

O gramático diz que “a língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa desagradável ao ouvido ao que vem em contraste da GT. Contudo, vemos que tanto a gramática de Bechara que concorda que existe a variação entre o “*nós*” e “*a gente*” e reforçam a tese de que o “*a gente*” é equivalente ao “*nós*” apresentando desta forma o mesmo valor semântico. Porém, a gramática assume uma posição preconceituosa em relação às variedades linguísticas existentes no português brasileiro.



Assim, o ensino dessa gramática, por meio de frases descontextualizadas, alimenta o preconceito linguístico, que até hoje faz muita gente acreditar que não sabe falar português e ainda motivar outras que acreditam dominar o padrão correto a esbravejar contra os supostos “erros” de outros falantes. Além disso, pode fazer com que muita gente “erre”, aplicando as regras prescritas pela gramática normativa sem levar em consideração a situação da comunicação, revelando uma concepção de língua como sistema em potencial, um conjunto de signos e regras, desvinculados das condições de realização que caracterizam as situações de interação verbal, em oposição ao que ela é de fato: uma forma de interação verbal.

Bezerra (2005) nos aponta que tradicionalmente, o ensino da disciplina língua portuguesa no Brasil é direcionado para a exploração da gramática normativa, nas perspectivas prescritiva - imposição de um conjunto de regras que prescrevem os usos linguísticos corretos - e analítica – ensino de nomenclaturas e questões metalinguísticas. Para ela, essa tradição foi motivada diante de dois fatores: o modelo tradicional da gramática do Latim, e o fato de que o ensino de Português ficava restrito às classes que já dominavam a norma culta, como se não estivesse aberta a variações, como sabemos a língua é viva.

Segundo os estudos de Ali (2001, p. 205):

Consiste a concordância em dar a certas palavras flexionáveis as formas de gênero, número ou pessoa correspondentes à palavra a que no discurso se referem. É a prática decorrente da própria flexiologia. Desde que de um vocábulo se oferecem várias formas à escolha, e o dito vocábulo vem determinar, esclarecer ou informar alguma coisa a respeito de outro, escolheremos naturalmente aquela forma que se harmonizar este outro termo.

Diante das considerações do autor, pode-se depreender que a concordância no português brasileiro é o processo em que determinadas palavras devem se harmonizar com outras dentro da oração.

Desse modo, a pretensão desse trabalho é discutir o fenômeno concordância verbal no português brasileiro, especificamente a não realização dele. A hipótese é a de que esse mecanismo gramatical de harmonização, pessoa, número, entre sujeito e o verbo na oração, seja afetado pelo componente perceptivo do usuário da língua. Nota-se que, de fato, a conformidade entre sujeito e verbo é assimétrica e variável, sendo assim, a aplicação de regras depende de um conjunto de fatos de ordem morfológica, sintática e sociocultural dos falantes, já que as GT diferem dessa linha de pesquisa que instigam que a não aplicação da



concordância verbal e um “erro”, entretanto, os vários trabalhos que demonstraram que as variações estão ligadas ao nível sociocultural do falante são fortemente abarcados no sistema linguístico em uso.

De modo geral, esta pesquisa está dividida nas seguintes seções: o fenômeno em estudo, na qual discutimos acerca da variável apresentando-a com base em pesquisas anteriores referentes à concordância verbal e a forma como ela está inserida no contexto cultural. Na seção de fundamentação teórico-metodológica, apresentamos a teoria Sociolinguística Variacionista que embasa esta pesquisa, dispondo de seus pressupostos teóricos e sua metodologia, esclarecendo o modo como a partir dela desempenharemos nossa pesquisa. A análise dos dados traz o *corpus* e a discussão dos resultados obtidos, mostrando quais os principais fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionaram a ocorrência e a não ocorrência das variantes, corroborando com outras pesquisas ou trazendo dados novos sobre a utilização da concordância verbal na língua portuguesa, especificamente, na cidade de Garanhuns, Pernambuco.

2. A Concordância Verbal do Português Brasileiro

No que tange à concordância verbal, as GTs assumem unicamente que o verbo deve ser flexionado para concordar com o sujeito. Cunha e Cintra (2008, p. 510) reconhecem que há uma “variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito” e que a *concordância* evita a repetição do sujeito, que pode ser indicada pela flexão verbal a ele ajustada, trazendo os seguintes exemplos:

7. a *Eu acabei* por adormecer no regaço de minha tia. Quando *acordei*, já era tarde, não vi meu pai”. (CUNHA E CINTRA, 2008, p. 510).

b. “A paisagem ficou espiritualizada. Tinha adquirido uma alma”. (CUNHA E CINTRA, 2008, p. 511).

c. “Só *eu* e *Florêncio* ficamos calados.” (CUNHA E CINTRA, 2008, p. 511).

Os autores assumem a existência de regras gerais: com um só sujeito, quando o verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido, e com mais de um sujeito, quando o verbo que tem mais de um sujeito (sujeito composto) vai para o plural, não há nenhuma menção a qualquer tipo ou possibilidade de variação.

O sujeito quando aparece antes do verbo, favorece a presença da concordância verbal, mas quando o sujeito vem posposto ao verbo desfavorece a presença dessas marcas.



Para apresentar a realidade linguística do português, muitas investigações estão sendo desenvolvidas levando em consideração que a língua varia conforme o contexto em que ela é utilizada, ou seja, em cada comunidade de fala ocorrem processos de variação conforme os fatores linguísticos e extralinguísticos envolvidos.

Conforme Castilho (2010, p. 273), no português brasileiro, “a concordância não pode ser descrita em termos de regras categóricas. A postulação de regras variáveis capta melhor o que ocorre aqui, dada a complexidade dos fatores determinantes da concordância e a instabilidade em sua execução em nossa língua”.

É importante ressaltar que a concordância verbal é um fenômeno linguístico que não poder ser analisado, apenas em termos de suas relações internas da gramática, mas deve ser visto como parte de contexto sociocultural mais amplo, no qual ela ocorre. Moura (2007) procura destacar a variação a fim de que a concordância entre sujeito e verbo possa ser abordada de maneira adequada nas escolas, segundo os preceitos sociolinguísticos. Sendo assim, com base nos aportes da Sociolinguística Variacionista é possível defender que a não concordância verbal de número no plural da nossa língua brasileira é constituída por uma variável linguística que abrange duas variantes: a presença ou a ausência de marca formal de plural no verbo e, com isso, pode, ainda, discutir e refutar a ideia de “erro” linguístico, proposta tal difundida pela GT.

3. Fundamentação Teórica

A teoria da variação estuda a mudança da língua no contexto social, partindo do pressuposto de que a língua é heterogênea, existindo, portanto, variedades linguísticas que ocorrem devido a um grupo de fatores sociais. Exatamente porque o modelo Laboviano compreende que fatores sociais podem condicionar ou não a predominância das variedades linguísticas, é que Tarallo (1998, p. 06) define a sociolinguística como um modelo teórico-metodológico que estuda a “desordem” existente na língua atentado para o lado social da linguagem. A teoria assim conhecida como variacionista tem como objeto de estudo a língua em uso “o vernáculo” e a variação linguística nela existente. Considerando-a como possível de ser sistematizada e descrita para análise científica, acreditando que toda forma de comunicação é condicionada por fatores sociais, sendo, portanto, esses fatores sociais de extrema importância para os estudos variacionistas sejam eles observados em grandes ou pequenos grupos sociais.



Web-Revista SOCIODIALETO

Em seus estudos, William Labov (2008) propôs que a análise dos componentes sociais fosse incorporada às pesquisas linguísticas, fazendo a relação entre língua e sociedade. Foi esse modelo metodológico no qual há coleta e análise de dados reais, números e fórmulas estatísticas que forneceu à teoria o rótulo de “sociolinguística quantitativa”. É importante frisar que a variação não ocorre porque a sociedade quer, ou que seja por uma acaso, ela tem vários conjuntos de fatores motivadores, com um complexo de parâmetros. Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se assim formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo.

4. A Metodologia Sociolinguística

Em nossa pesquisa, seguindo o modelo metodológico proposto pela teoria que embasa nossa investigação, de início, escolhemos o fenômeno linguístico, a variação existente na concordância verbal do português, observados em textos escritos de estudantes de 2 (duas) escolas públicas de Garanhuns-PE, com turmas de 6º ano e 9º ano do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio. O *corpus* dessa pesquisa segue constituído por textos do tipo narrativo escritos por esses estudantes, em seguida selecionamos os textos, observando apenas, os critérios de classificação em cada grupo que seria analisado.

Com o *corpus* da pesquisa montado, iniciamos a análise, à luz da teoria variacionista, a partir da abordagem quantitativa. Consta no total trinta textos analisados e classificados através das seguintes variáveis sociais: o sexo (masculino), quinze textos e (feminino), quinze textos o que reflete mais que diferenças biológicas, mas a diversidade de papéis que a comunidade atribui ao homem e a mulher; a escolaridade (nível fundamental e médio) com quinze textos divididos entre turmas do 6º, 9º fundamental e 3º ano do ensino médio, constando cinco produção textual de cada turma, que mostrará, ou não, as mudanças da variação conforme os anos de escolarização.

O conjunto de variáveis desta pesquisa abarca a ocorrência ou não da marcação de concordância verbal. Portanto nossa variável é composta por estas duas variantes sendo a marcação de concordância considerada como a forma de prestígio na língua portuguesa por ter seu lugar garantido nas gramáticas tradicionais, nos livros didáticos e dicionários,



instrumentos regentes de uma língua considerada como padrão, já a ausência de concordância é vista como uma forma desprestigiada.

Para análises, definimos os seguintes fatores linguísticos e extralinguísticos:

Tabela 01 - Apresentação dos fatores linguísticos e extralinguísticos

Linguísticos	Extralinguísticos
Tipos de verbos (ação e estado)	Nível de escolaridade (6º ano e 9º ano do Ensino Fundamental II e 3º ano do Ensino Médio)
Posição do verbo em relação ao sujeito	Sexo (Masculino/Feminino)

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1 Fatores Linguísticos

4.1.2. Tipos de verbos

Estudos como os de Chafe (1979) e Borba (1996), trazem dados relevantes sobre os verbos e revelam que existem quatro classificações sintático-semânticas: ação, processo, ação-processo e estado. Os verbos de ação e estado, foco deste trabalho. A justificativa da escolha destes verbos é examinar dados reais de fala espontânea, pois a investigação permitiu observar como os verbos de ação e estado e seus argumentos são usados por falantes envolvidos em interações comunicativas. Nos sugerindo a hipótese de que os verbos determinam a presença e a natureza dos nomes que o acompanham.

O primeiro fator linguístico analisado foi o tipo de verbo, observamos como este fator atua na realização da variável estudada, o mesmo foi verificado por Silva (2008) que pontuou que como sendo o verbo um termo essencial da oração, base geral das relações sintáticas, e dada a sua importância dentro da língua, é indispensável verificar se a pressão interna gerada pela carga semântico-funcional do verbo pode, ou não, determinar maior ou menor presença de marcas formais de plural.

Selecionais os seguintes tipos de verbos para nosso estudo como, por exemplo:

Verbos de ação: *brincar, correr e viajar.*

Verbos de estado: *estar, ficar e ser.*



Nos restringirmos a observar apenas dois tipos, uma vez que ambos demonstram ser mais atuantes no *corpus* de nossa pesquisa.

4.1.3. Posição do verbo em relação ao sujeito

O segundo fator linguístico levantado nesta pesquisa foi à posição do verbo em relação ao sujeito, sobre isso Scherre e Naro (1997) apresentam resultados que apontam para o fato de que, quando o sujeito está em posição mais à esquerda e mais próximo do verbo, existe maior probabilidade de favorecimento da ocorrência da variante explícita, enquanto a posição à direita e o distanciamento em relação ao verbo a desfavorecem, independentemente do grau de escolaridade dos falantes, podemos ver nas seguintes sentenças:

9.a *Os meninos jogam bola.*

b. *Os meninos bonitos da outra rua **joga** bola.*

Podemos perceber que quanto mais longe o verbo se encontra em relação ao sujeito, parece-nos que a tendência seria a de não ocorrer à marcação da concordância verbal.

Além dos fatores linguísticos, analisaremos os fatores extralinguísticos que favorecem ou não a marcação de concordância são eles: o sexo e escolaridade, ambos, mostraram-se atuantes na ocorrência da variável aqui analisada.

4.2 Fatores Extralinguísticos

Segundo Fischer (1958), no estudo intitulado *Influências sociais na escolha de variantes linguísticas*, foi o primeiro estudioso a fazer referência à correlação entre variação linguística e o fator sexo. Desde então, a análise da dimensão social da variação e da mudança tem considerado o peso na língua ocasionado pelas diferenças entre papéis sociais desempenhados por homens e mulheres no interior de uma comunidade de fala. Para o variável sexo, levantamos a hipótese de que as mulheres fazem mais uso da concordância verbal da forma padrão, enquanto os homens apresentam mais a ausência de concordância verbal, conforme diversas pesquisas já demonstraram.

A escolha pelo nível de escolaridade enquanto fator de ordem social que pode interferir na realização de nossas variantes se deu tendo em vista que a escola incute padrões



e normas linguísticas, estéticas e morais, podemos dizer, assim, que a influência dessa variável é correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança (VOTRE, 2003, p. 51), revelando-se, assim, importante para os estudos sociolinguísticos variacionistas. Os níveis analisados foram o Ensino Fundamental II (6º e 9º anos) e o Ensino Médio (3º ano), tendo, assim, possibilidade de verificar o fenômeno em estudo ao longo de um considerável recorte no período escolar.

4.3 A Comunidade de Fala

Selecionamos como comunidade de fala os alunos do 6º ano, 9º ano do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio de duas escolas públicas da rede municipal e estadual da cidade de Garanhuns em Pernambuco. Uma vez conhecida à comunidade de fala, a próxima etapa cumprida foi à coleta de dados. Nosso *corpus* para análise é constituído por textos escritos, portanto tivemos que propor uma atividade em que obtivéssemos a forma natural da fala dos discentes, sem que estes se preocupassem em polir seu uso da língua enquanto escreviam. Por isso nas turmas de 6º e 9º propusemos que eles produzissem relatos falando da vida deles ou alguma coisa relacionada com cotidiano, como a preservação do meio ambiente no 3º ano do ensino médio solicitou que falassem de algumas doenças que atacam os jovens como, por exemplo, anorexia a qual pode considerada como uma narrativa de experiência.

Com os dados em mãos, foi feita a montagem do *corpus* da pesquisa, foram recolhidos, as produções textuais, das quais foram analisadas 30 (trinta). Os textos foram organizados em células de cinco informantes de acordo com as características sociais dos colaboradores e foram codificados de acordo com a numeração dos textos, a série e o sexo do informante.

5. Apresentação e Análise dos Dados

5.1 Apresentação

Nosso objetivo foi verificar a ocorrência ou não da marcação visível da concordância verbal em produções escritas produzidas por pré-adolescentes e adolescentes de Garanhuns-PE, estas constituem o *corpus* dessa pesquisa.



Como proposto por (Labov, 2008), os alunos tinham que escrever acontecimentos verídicos de suas vidas, em que eles realizaram fatos em conjunto. Então, inicialmente em sala de aula foi feita uma breve explicação acerca do gênero que seria produzido, em seguida foi lido um pequeno relato de experiência como exemplo, depois, a atividade foi explicada de forma oral e escrita pelo próprio pesquisador com o auxílio do professor que foi orientado a não ajudar os alunos no momento da produção textual, é importante salientar que não houve reescrita das produções textuais. Foram analisadas 30 (trinta) produções textuais no total, nas quais encontramos os dados que podemos observar na tabela a seguir:

Tabela 02 - Distribuição total das variantes

Variante	Percentual	Ocorrências
Marcação da concordância	85,85%	194
Ausência da concordância	14,15%	32
Total	100%	226

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao analisarmos de forma geral a tabela 03, percebemos que no total dos 30 (trinta) textos coletados, contabilizamos 226 ocorrências de verbos, totalizando um percentual de 85,85% de marcação da concordância verbal visível, com 194 ocorrências, e 14,15% dos dados apresentaram a variante da ausência da concordância, com 32 ocorrências, apenas.

Buscaremos verificar a influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos nessa configuração dos dados. Traremos, a seguir, a análise individual de cada um deles.

5.2. Análise dos Fatores Extralinguísticos

5.2.1. Nível de escolaridade

Selecionamos este fator partindo da hipótese de que quanto maior o nível de escolaridade do falante, mais próximo do padrão culto da língua ele estará, logo, em nosso fenômeno, acreditamos que esses falantes apresentariam, mais fortemente, a variante com a marcação da concordância verbal, considerando que a escola influencia o uso das formas linguísticas de prestígio social.



Web-Revista SOCIODIALETO

Observando os dados encontrados em nosso *corpus*, chegamos aos seguintes resultados em relação às variantes utilizados nas produções textuais do 6º ano do Ensino Fundamental:

Ao analisarmos, especificamente, os dados colhidos nos textos do 6º ano, totalizando 54 verbos ao longo das 10 produções textuais observadas, obtivemos 94,45% das ocorrências com a marcação da concordância verbal e 5,55% na ausência da marcação.

Vejamos, a seguir, os dados obtidos com os informantes com um nível de escolaridade intermediário, entre os que selecionamos para nossa pesquisa, os alunos do 9º ano.

Ao observarmos os dados percentuais do 9º ano, uma turma que está concluindo o ciclo do Ensino Fundamental obteve um total de 73 ocorrências, tendo a variante da não marcação da concordância verbal com 16,43% e a marcação da concordância representa 83,57% das ocorrências.

Nos dados dos informantes mais escolarizados de nossa pesquisa, os alunos do 3º ano do Ensino Médio, a princípio, acreditávamos que encontraríamos dados linguísticos muito mais próximos ao padrão culto da língua, tendo em vista o maior tempo de contato com o ensino formal da língua portuguesa na escola.

Através de nossa análise na turma de 3º ano do Ensino Médio, obtivemos 100 ocorrências de verbos e 17 delas não apresentaram a marcação visível da concordância.

Como foi visto, através dos gráficos anteriores, o fator escolaridade manteve certo equilíbrio em relação à distribuição das ocorrências no que concerne a variante não padrão e, conseqüentemente, nas três turmas analisadas, a utilização da concordância padrão mostrou-se superior em termos de ocorrências e percentuais, alcançando mais de 83% em todas as turmas. No entanto, percebemos que como o aumento da escolaridade a ausência da concordância verbal aumenta e não o inverso. Vejamos:



Tabela 03 - Distribuição de dados de acordo com o fator escolaridade.

Variante	6ºano/ percentual	9ºano/percentual	3ºanoEM/ percentual
Marcação da concordância verbal	94,45%	83,57%	83%
Ausência da marcação	5,55%	16,43%	17%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Entretanto, vale destacar que a turma do 6º na qual esperávamos encontrar o maior uso da variante não padrão foi a que teve o maior percentual de uso da forma culta da língua no que tange à concordância verbal.

Acreditava-se que os informantes do 6º ano do Ensino Fundamental, por estarem situados no nível de escolaridade mais baixo, tendo, assim, menos tempo de ensino formal da língua portuguesa e, conseqüentemente, de contato com as regras ensinadas na escola para o padrão de concordância do português, apresentariam muito mais dados com a variante não padrão, porém, nos dados analisados, há poucos casos de não manifestação de concordância verbal em suas escritas.

O 9º ano, nosso nível intermediário de análise no fato escolaridade, apresentou um percentual de não marcação da concordância superior ao do 6º ano, contudo, inferior ao do 3º ano do Ensino Médio. De outra forma, os textos analisados mostraram que, apesar dos informantes do 6º ano representaram o menor nível de escolaridade, mantiveram a forma canônica da marcação da concordância, de forma bastante acentuada, em seus textos e, ao mesmo tempo, também, percebemos que mesmo tendo um longo período de escolarização, a turma do 3º ano, foi a que mais utilizou a forma não padrão da língua portuguesa, a variante estigmatizada, sem marcação visível de concordância verbal.

Embora alguns estudos, como os de Rodrigues (1997) e Vieira (1994), apontem que a escolarização no nível mais alto é um dos fatores responsáveis por aumentar as chances da variante padrão ser processada, em nossa investigação, isso não foi comprovado. Apesar de reconhecermos que o ensino formal tem surtido efeito no que tange ao ensino de língua portuguesa, na variação em foco, o nível de escolaridade não se mostrou definidor ou influenciador para a utilização da variante padrão.



5.2.2. Sexo

A escolha pelo fator sexo foi feita tendo em vista as várias diferenças linguísticas que são apontadas, em diversos trabalhos, entre homens e mulheres. De acordo com a Sociolinguística Variacionista o sexo do informante pode diferir no uso linguístico em diversos aspectos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais).

Através da observação dos dados encontrados em nosso *corpus*, avaliamos em qual sexo a variante estigmatizada, sem a marcação da concordância verbal, seria mais utilizada. Vejamos, a seguir, os resultados percentuais em relação a essa variável.

Ao observarmos os textos escritos pelos alunos do 6º ano, encontramos 54 ocorrências de verbos no total, entretanto obtivemos apenas 3 verbos sem marcação da concordância, sendo duas ocorrências do sexo masculino e uma ocorrência no sexo feminino, tendo, essa variante, 66.66% e 33.33% respectivamente. A seguir, veremos a análise dos informantes que já estão inseridos há mais tempo no estudo da norma culta da língua, os alunos do 9º ano, dos quais obtivemos os seguintes resultados.

Os dados da pesquisa nesses informantes, totalizando 73 verbos e apenas 12 casos de uso da variante não padrão, nos mostraram que, diferentemente dos do 6º ano, houve um percentual relativamente maior de ocorrências da não marcação da concordância entre os informantes do sexo feminino, tendo 58,33%, e 41,66% nos do sexo masculino.

Os informantes com o maior grau de experiência em relação à norma padrão analisados em nossa pesquisa, a saber, os discentes do 3º ano do Ensino Médio, nos forneceram os dados que podem ser vistos a seguir.

Nessa análise, presenciamos 100 ocorrências verbais, sendo apenas 17 delas com a ausência da marcação da concordância verbal. Encontramos 52,94 % de ocorrências no sexo masculino e 47,06 % com as informantes da mesma turma, demonstrando, ao que parece que o fator sexo se mostrou influenciador quanto ao uso do variante padrão nesse nível de escolaridade. Tendo a predominância da variante de prestígio com os informantes do sexo feminino.

A tabela a seguir nos mostra o percentual distribuído de acordo com o sexo do falante. Nela observamos que há um número significativo de utilização da variante não padrão entre os homens em duas das três turmas analisadas.



Tabela 04 - Número do percentual de ausência da concordância verbal referente ao fator extralinguístico sexo

Escolaridade	6º ano	9º ano	3º ano EM
Masculino	66,66%	41,66%	52,94%
Feminino	33,33%	58,33%	47,06%

Fonte: Elaborado pelo autor.

É importante ressaltar que esperávamos que fosse o sexo masculino que empregaria menos a norma culta da língua, logo faria mais uso da variante estigmatizada, entretanto, em uma das turmas analisadas, o 9º ano, nossa hipótese não foi confirmada.

Nos estudos de Rodrigues (1987), enfatiza-se a motivação para avaliar o papel do sexo sobre a variação linguística. O autor aponta que as variedades ligadas ao sexo do informante aparecem como resultado do fato de a língua, enquanto fenômeno social, estar intimamente relacionada com atitudes sociais. Sendo assim, essa situação não se trata apenas de um caso de pressão social acerca do uso padrão da língua, mas de uma percepção de que o contato com outros grupos sociais levaria ambos os sexos a fazerem escolhas pelo uso ratificado de grupos sociais mais privilegiados.

A análise da dimensão social da variação e da mudança tem considerado o peso na língua ocasionado pelas diferenças entre os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres no interior de uma comunidade de fala, como podemos observar, minimamente, em nossa pesquisa. Constatamos, através da análise empreendida, que o comportamento linguístico do homem difere do comportamento da mulher, considerando a maior tendência do sexo feminino em, no caso de nosso estudo, preservar a concordância verbal canônica, utilizando, assim, a variante de prestígio.

5.3. Análise dos Fatores Linguísticos

Para análise do ponto de vista linguístico, selecionamos dois fatores. São eles: tipos de verbo (ação e estado) e a posição do verbo em relação ao sujeito. Vejamos quais desses condicionaram a aparição das variantes estudadas.



5.3.1 Tipos de Verbos

Nesse sentido, Câmara Jr. (1986) afirma que, em línguas de verbo flexional, como é o português, o sujeito, apresentado como uma pessoa gramatical, se expressa na própria forma verbal por meio de um morfema, que é parte da flexão verbal, geralmente é responsável por realizar ou sofrer uma ação ou estado, ele é o termo com o qual o verbo concorda. Vejamos a tabela 06 com a distribuição da marcação e ausência da concordância verbal, observemos, atentamente, o número de ocorrências dos verbos de ação e estado associados às variantes e seus percentuais:

Tabela 05 - Tipos de verbos encontrados no *corpus*.

Tipos de verbos	Ocorrências	Percentual
Verbos de ação	166	73,45%
Verbos de estado	60	26,55%
Total	226	100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em nossa análise, encontramos 226 ocorrências de verbos distribuídos entre ação e estado dentro dos textos escritos por nossos informantes. Observamos que os verbos mais presentes foram os de ação, em que obtivemos 73,45% de ocorrências, já os de estado, tiveram 26,55%. Observemos a seguir alguns exemplos retirados de nosso *corpus*.

Emprego de verbos de ação:

- 9.a. As pessoas que tem essa doença *prática* exercícios várias vezes.
- b. Enquanto os governos *ganha* mais.
- c. Muitas pessoas *desmata* e não *planta* de volta.

Emprego de verbos de estado:

- 10.a. As pessoas pensam que *está* magro e *continua* comendo uma quantidade absurda de alimentos.
- b. As mulheres *fica* com depressão.
- c. O tratamento para anorexia *são* recuperar o peso corporal e os hábitos alimentares.



Percebemos que há um número maior de verbos de ação sem a marcação da concordância verbal no quantitativo de ocorrências dessa variante. Vejamos a quadro a seguir:

Tabela 6: Ocorrências de verbos de ação e estado

Ocorrências	Verbos de ação	Verbos de estado
32	56,25%	43,75%

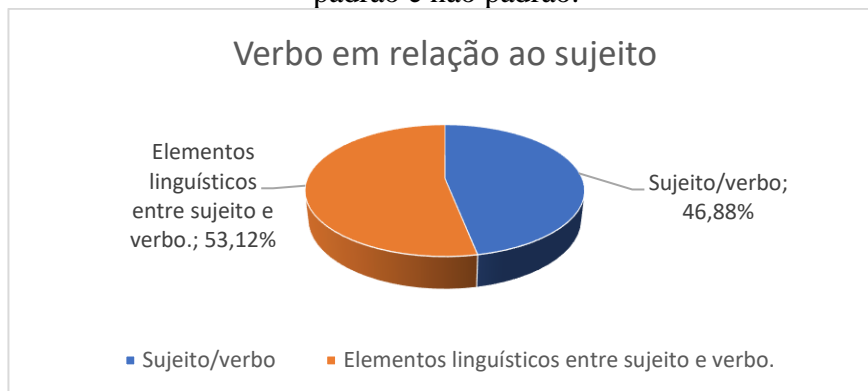
Vale destacar que mesmo apresentando a ausência de concordância, os verbos de estado não aparecem na mesma intensidade dos verbos de ação. Sendo assim, o tipo de verbo que mais induziu a ausência da concordância verbal, em nosso estudo, foi o verbo de ação.

5.3.2 O verbo em relação ao sujeito

Vejamos as ocorrências e os percentuais do verbo em relação ao sujeito de nossa análise, referente do verbo em relação ao sujeito em todo o *corpus*. No fator linguístico, o elemento nominal seguido de verbo obtivemos 160 ocorrências com percentual de 70,79%, nos elementos linguísticos entre sujeito e verbo tivemos 66 ocorrências com percentual de 29,21%, totalizando 226 ocorrências e o percentual de 100%.

Observaremos, a seguir, o gráfico com o percentual dos dados obtidos.

Gráfico 01 - Distribuição de ocorrências do verbo em relação ao sujeito na variante padrão e não padrão.



Fonte: Elaborado pelo autor

É sabido que o verbo é um fator determinante dentro da oração, e quando ele se encontra distante do sujeito à tendência é ocorrer à ausência da concordância verbal, desse



modo, em nossa análise, nos propusemos a fazer essa distinção e obtivemos 53,12% de não marcação da concordância quando o verbo está em posição mais distante do elemento nominal e 46,88% quando o verbo vem diretamente posposto ao sujeito.

Ao analisarmos esse fator, percebemos que quando os informantes usam a forma SV a chance de a concordância morfológica aparecer é maior, pois, como podemos observar, o percentual dessa ocorrência encontrada é maior em cerca de 7% em relação à outra variante. Logo, quando o verbo aparece em posição mais distante de seu elemento sujeito, o índice de concordância verbal é diminuído, ou seja, quanto mais longe o verbo estiver do sujeito, mais provável que a concordância morfológica não aconteça. Observemos os exemplos extraídos de nosso *corpus*.

Exemplos de casos do verbo em relação ao sujeito:

- 11.a. Os pais tem que sempre *está* atentos nessas jovens.
- b. Em cada 100 mil pessoas no mundo hoje 65 mil *sofre* com essa doença.
- c. Cabe ao Ministério da Saúde junto com parcerias elaborar projetos que *auxilia* a sociedade.

Como já citamos anteriormente, o português brasileiro apresenta uma ordem sintática do tipo sujeito, verbo, porém, nessa pesquisa obtivemos um percentual que mostra que quando a relação sujeito-verbo muda, pode ocasionar a não marcação da concordância verbal. Estudos como os de Scherre; Naro; Cardoso (2007) enfatizam que independentemente do tipo do verbo, qualquer argumento ou sintagma à direita do verbo tende, relativamente, a diminuir as marcas de concordância explícita, ou seja, quando esse verbo é posicionado à direita do sujeito acarretará na mudança linguística.

Considerações Finais

Neste trabalho, fizemos uma análise da variação linguística entre as formas verbais que possuem a marcação morfológica de concordância e a sua variante com ausência da concordância verbal, nosso *corpus* foi constituído por textos escritos de alunos do 6º e 9º do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio da cidade de Garanhuns-PE.

Observamos as ocorrências dessas variantes à luz da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008) seguindo a metodologia proposta por esta teoria, que considera o lado



social da linguagem, portanto, atua na desconstrução dos preconceitos linguísticos ao mostrar que toda variação é condicionada por um grupo de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Embasamos nossa pesquisa também nos estudos de Moura (2007) Rodrigues (1997) Vieira (1994) entre outros, todos abordaram como objeto de estudo a variação da concordância verbal e nos forneceram dados relevantes, a partir dos quais foram levantadas as hipóteses existentes nesse estudo.

Ao analisarmos textos escritos, percebemos que os mesmos tendem a apresentar uma linguagem mais polida, uma vez que seu processo de produção difere da fala no que tange ao tempo de recepção do interlocutor, assim como ao próprio processo de produção que proporcionam ao escritor oportunidades de buscar a melhor forma de se expressar fazendo correções quando necessário, ainda assim encontramos um número razoável de ocorrências da forma estigmatizada.

Chegamos a confirmar a maioria das hipóteses levantadas, embasadas em diversos estudos acerca desse fenômeno. Contudo, a princípio, esperávamos encontrar muitas ocorrências da variante sem a concordância morfológica, principalmente nos estudantes com menor nível de escolaridade, entretanto essa forma apareceu em, apenas, 14,15% de todo o *corpus*. Dessa forma, temos que em 85,5% dos dados obtidos, a concordância verbal foi utilizada de acordo com o modelo da gramática padrão.

Para análise, elencamos fatores de ordem linguística e extralinguística como variáveis possíveis de condicionarem uma ou outra variante, são eles: tipo de verbo, verbo em relação ao sujeito, sexo e escolaridade, respectivamente. Diante dessa seleção de variáveis pudemos verificar quais delas atuaram nesse processo variacionista.

Em relação ao fator escolaridade, percebemos que os informantes do 6º ano apresentaram um maior uso da variante padrão, tendo apenas 5,55% de seus dados sem concordância verbal marcada. Já os informantes do 9º ano, ao contrário do que esperávamos apresentou em 16,43% dos dados a variante com a ausência de concordância. Outro fato interessante é que a turma com maior nível de escolaridade foi a que mais utilizou a forma não padrão, tendo 17% de ocorrências sem concordância verbal. Nos resultados apresentados em nossa pesquisa, não foi predominante a força do fator escolaridade como condicionante para o uso de um ou outro variante.



O fator sexo também nos trouxe resultados interessantes, pois mostrou-nos que, como já apontam pesquisas anteriores, o sexo do informante é capaz de influenciar na escolha e no uso dos elementos linguísticos. Nas turmas do 6º e 3º anos, os estudantes do sexo masculino foram os que mais utilizaram a variante não padrão, excetuando, apenas, o 9º ano que teve 2,35% de maior uso da variante estigmatizada pelos informantes do sexo feminino.

Para o fator linguístico tipo de verbo, tivemos os verbos de ação e estado como possíveis condicionadores de ausência da concordância verbal. Em nosso estudo, os verbos de ação tiveram o maior número de ocorrências no total do *corpus* e nos casos da ausência de concordância, atuaram como maiores influenciadores no que tange ao uso da forma não padrão.

No fator posição do verbo em relação ao sujeito, obtivemos 53,12% de ocorrências da variante estigmatizada quando o verbo se encontra em posição mais distante de seu elemento sujeito, logo, em nosso trabalho, comprovamos a ideia de que quanto mais próximo o verbo estiver de seu sujeito, mais facilmente a marcação da concordância verbal acontecerá.

Portanto, podemos dizer que atingimos nossos objetivos ao encontrar, apresentar e discutir todos os dados expostos. Esperamos que os resultados deste estudo venham colaborar com as pesquisas sociolinguísticas variacionistas promovendo uma reflexão sobre o uso da língua, a fim de desconstruir os conceitos equivocados sobre as variações linguísticas, corroborando para a valorização do português do Brasil, atestando sua diversidade cultural.

A análise da marcação e ausência da concordância verbal, em textos escritos produzidos por estudantes de Garanhuns-PE, poderá ser ampliada para verificação de demais fatores condicionantes ou não do conjunto de variantes estudadas, como por exemplo, o paralelismo discursivo. A pesquisa também poderá ser estendida a outros fatores extralinguísticos como localidade e níveis de escolaridade entre outros grupos.



Referências Bibliográficas

- BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORBA, F. S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 1996
- CÂMARA JR., Mattoso. **Dicionário de Linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CASTILHO, A. T. de (2010). **Nova gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto.
- CHAFE, W. **Significado e estrutura linguística**. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico, 1979.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
- FISCHER, Jhon. L, Social Influences on the Choice of a Linguistic Variant, **Word** 14: 47-56. 1958.
- GÓIS, C. **Sintaxe de concordância**. 11ª. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1955.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- MOURA, D. O tratamento das variantes padrão e não padrão na sala de aula. In: Denilda Moura (org). **Leitura e escrita: a competência comunicativa**. Maceió: EDUFAL, p. 11-26, 2007.
- PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- PERINI, Mario A. **Gramática Descritiva do Português**. 4. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- RODRIGUES, A. C. S. **A concordância verbal no português popular em São Paulo**. São Paulo, 1987. 259 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.
- RODRIGUES, D. A. **A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco**. 1997, 198f. Dissertação (Mestrado em linguística) – UNICAMP, IEL, Campinas.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony. 1997. **A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente**. In: HORA, Dermeval da (Org.). **Diversidade Linguística no Brasil**, 93-114. João Pessoa: Ideia.
- SCHERRE, M. M. P., C. R. CARDOSO & A. J. NARO. 2007. Inacusatividade ordem e concordância verbal. **Caderno de Resumos do CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN 5: 777-778**. Belo Horizonte – MG: Faculdade de Letras da UFMG.
- SILVA, E. V. da. Norma, variação e ensino: a concordância verbal. **Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n 34, 2008, p. 31-41. Disponível em <<http://www.uff.br/cadernodeletrasuff/34/artigo2.pdf>>. Acesso em 9 de jun. de 2018.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1991.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1998.



VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília (orgs.). **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

VIEIRA, S. R. Aspectos da concordância verbal em dialetos populares In: **ENCONTRO NACIONAL SOBRE LÍNGUA FALADA E ENSINO**, I., 1994, Maceió. Anais... Maceió: EDUFAL, 1994. P. 323-327.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Web - Revista SOCIODIALETO
Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetoológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 14 • Número 40 • Jul 2023
DOI: <http://dx.doi.org/10.61389/sociodialeto.v14n40.7621>

Recebido em: 30/05/2023 | Aprovado em: 17/08/2023.
